

Extrato de Correio da Semana

<http://www.correiodasemana.info>

# CAFÉ & COMPANHIA, KÊ KUÁ?

-- Sociedade --



Publicao em quarta-feira 3 de Outubro de 2007

Ficheiro PDF criado em segunda-feira 8 de Outubro de 2007

---

Copyright (c) Correio da Semana - Todos direitos reservados

---

Por: Xavier Muñoz-Torrent\*) Em Dezembro passado, a notícia da existência do Café & Companhia e da sua empreendedora proprietária, a luso-californiana Maria João Pombo, deu a volta ao mundo, e com eles outro aspecto curioso de São Tomé e Príncipe. A causa foi a comercialização in situ de um "novo" licor, o "Pilóló Atómico", do qual se garante todo o tipo de propriedades afrodisíacas.

O pilóló não é nada mais do que um nome comercial para uma beberagem tradicional são-tomense, bem conhecida entre os nacionais, feita da maceração de uma casca de árvore, o "pau-três" (*Allophylus africanus* ou também *Allophylus grandifolius*), numa bebida espirituosa, seja ela genebra, cachambamba ou aguardente local. A maceração transmite as propriedades farmacológicas da casca ao líquido e dá-lhe a sua cor avermelhada e um gosto um bocadinho amargo, como se se tratasse do mais exótico dos bitters. Eu experimentei mais do que uma vez, limpei os lábios como o rapaz Martini e posso certificar que depois da sua ingestão a pessoa adquire uma rara força para atacar a noite sem problema nenhum. É um verdadeiro fortalecedor dos músculos e nervos, de todos&

Mas o meu propósito não é falar apenas dessa surpreendente bebida, mas também do carácter eminentemente social do estabelecimento. Na realidade nunca um bar fez tanta honra ao seu nome: café e companhia! Você pode tomar lá o melhor café de São Tomé, de Monte Café ou de Nova Moka (não sei se é o melhor do mundo, mas é isso o que me parece a mim) e também encontrar companhia e fazer amizades entre a colónia dos estrangeiros e também alguns destacados elementos da intelectualidade do país.

Maria João, como digníssima proprietária (bravo Maria João!!), foi quem imprimiu a esse local o que ele é hoje: um oepub de encontro, um novo "hub" de relações onde aterraram os residentes estrangeiros, a vertente mais liberal, moderna e criativa dos são-tomenses, e os visitantes e os viajantes. Uma ilha dentro da ilha.

Maria João conjugou com muita originalidade o ambiente do antigo armazém de café e cacau (para o que antigamente era utilizado o local) com os elementos que ligam o estabelecimento com a sua nova actividade. As suas paredes, sobre a cozinha e ao lado das mesas, estão decoradas com exemplares dos sacos das mais célebres roças são-tomenses: Monte Café, Nova Moka, Bela Vista, Santa Margarida, Uba-Budo... Do seu tecto pendem antigas artes de pesca feitas de entrançados, utilizadas agora como vistosas lâmpadas.

O acesso aos lavabos é mesmo um grande saco de café convertido em biombo. Atrás do portão principal, há um grande painel alegórico ao café, óleo em tons azuis de Eduardo Malé, insigne e cotado pintor são-tomense, que insinua cheiros e aromas e enche o ambiente de boa arte.

Arte também a das empregadas, a trabalhar freneticamente, com ritmo europeu, às ordens da Chefe, sérias no trato, ataviadas com limpíssimos aventais até aos pés, atentas com todo o profissionalismo às necessidades dos clientes mais exigentes. As bebidas, bolos e petiscos são servidos à descrição. Maria João sempre interpretando o seu papel de anfitriã pulcra, selecta, diligente, atlética, brincalhona e às vezes irónica, prática e narradora de todos os boatos e histórias melindrosas e mesmo cómicas da sociedade local: um espectáculo para os bons observadores do detalhe sociológico!

Lá, especialmente à hora do mata-bicho, do café de depois do almoço ou do copo da noite, podem-se encontrar boas conversas com negociantes e empresários de todas as nacionalidades, membros do hercúleo destacamento da Força Aérea Portuguesa, novos roceiros, médicos cubanos, comerciantes libaneses, cooperantes e voluntários de todos os cores e agências, gestores e técnicos das mais bem-intencionadas ONGs, investigadores das Universidades mais remotas e doutas, um ou outro ex-mercenário das guerras de Angola ou da Serra Leoa ou também algum deportado da velha Europa, aos quais se juntam aventureiros africanistas e viajantes perdidos& A nata de um "novo colonialismo" que já constitui uma parte quase inextricável da sociedade das ilhas:

um clube bem selecto, disposto a salvar o mundo, pelo menos na aparência ou em intenção ou em sonhos. À medida que se acabam os petiscos e os copos e cresce a música (eu gosto dessa de tons cabo-verdianos ou do semba-jazz angolano), às vezes acompanhada de imagens projectadas num lençol, a gente parece cada vez mais amiga, mais faladora; partilham vivências e procuram confidências e novas cumplicidades para apagar as monotonias e as mais terríveis das solidões. Numa camisola à venda, lê-se estampado: "Em São Tomé e Príncipe, stress, kê kuá?!! ("Stress, que coisa?"). Mas também há outra que diz: "Eu sobrevivi em São Tomé e Príncipe!", que o meu compadre Miguel Teixeira acha ainda mais adequada para os que ali trabalham e tentam conciliar a sustentabilidade das suas economias com o desfrute apaixonado e extenso do paraíso& São duas caras da mesma moeda!

Mas a Maria João partilha a activa alma do bar com uma descaradíssima empregada, a Zizí; pequena, forríssimamente bela, que enfrenta com à-vontade e arte as impertinências que alguns clientes lhe lançam. Ela aguenta e responde, sim, sempre com esse sorriso esperto e uma resposta igualmente picante depois do seu justo proceder. Zizí é a essência da ilha, um suave perfume, um ar fresco, a junção desse sub-mundo irreal com a força da gente do povo, a sua bravura, a sua terrível força de mulher, da sua paixão, a sua alma de lutadora do dia a dia, do léve-léve são-tomense. Fabulosa mulherzinha de imponente personalidade,& que se ri para si mesma da letargia dos "sobreviventes", numa sobrevivência que parece conferir-lhes uma dignidade especial, própria dos que foram engolidos por uma natureza esquisita da qual ainda não se puderem desemaranhar.

Ela ri-se dessas situações, desses problemas longe dos seus, desse orgulho da sobrevivência europeia que pouco valor tem no equador, quando milhares de nacionais lutam diariamente pelo sustento da família. "Sobrevivência, kê kuá?!" Risos escondidos debaixo do seu nariz, que contagiam o ânimo dos clientes, que encontram nas suas reacções a melhor saída, a espontânea, a certa. Adorei, como todos os demais, os leves risos da Zizí e as suas espontâneas respostas!

O contraste dessa "sobrevivência" está logo ao outro lado da entrada: um punhado de meninos sujos e mal vestidos, a vender colares de conchinhas e sementes, a oferecerem-se para lavar um carro ou a pedirem directamente umas moedas ou notas.

A cena do Café & Companhia lembra-me a pousada que Italo Calvino descreve no seu romance *Il castello dei destini incrociati*, onde todas as personagens que o protagonista acha, perdido no meio de um mato espesso, já não podem falar por si próprias senão através de olhares e gestos e com os símbolos do baralho do tarot marselhês; fechados nos seus próprios mundos ou, quiçá, num mundo que criaram entre todos eles, das suas próprias histórias, fantasiando, falando de mais ou exagerando, explicando mentiras inofensivas mas grandiloquentes, imbuídos no localismo do próprio cenário sem serem totalmente conscientes disso, & ou talvez sim.

Todos têm o desejo de explicar quem são, as suas histórias particulares, os seus porquês e, no fundo, as suas inquietudes e medos; têm desejo de poder destapar as pressões do coração, quiçá mais facilmente diante de autênticos amigos efémeros. Vidas separadas, vidas desgarradas, vidas a meio caminho entre grandes amores, esperanças e ilusões e também grandes desilusões, fracassos e mesmo fraudes& Biografias dependentes das suas próprias independências e medos, efémeras estadas que se tornam indefinidas, infinitas, necessariamente longas e letárgicas&

Mas é o que tem viver numa comunidade onde se confunde a escala local e internacional: ali todas essas personagens são alguém, são importantes, como nunca o foram nas impessoais e globalizadas sociedades modernas dos seus respectivos países. Deixam de ser um mais para se converterem numa personagem concreta, necessária e excepcional na história do presente da ilha, com toda a importância da sua humanidade, da sua condição única. Por essa razão os micro-espacos insulares são tão "grandes": humanizam!

Café & Companhia joga portanto, além do papel concentrador desses espíritos solitários, esse papel de centro socializador e humanizador dos vindos de longe, de agregador dessas formas modernas de degredados e fugitivos& E às vezes também é um lugar para apanhar interessantes informações de todo o tipo, e também para a sua difusão, sejam verdades ou não tão verdades& O sítio onde se pode ser informado das actividades sociais e culturais mais interessantes das ilhas, sobre as possibilidades de negócio, sobre a conjuntura social e económica, sobre os boatos mais sérios e também sobre os mais divertidos sobre essa malta toda, mesmo para improvisar as mais inovadoras actividades, para ver vir as musas da inspiração e, sobretudo, para apreender dessas histórias todas novas formas de viver ou, como alguém diria ali, de \"sobreviver\".

Como todas as histórias, esses destinos entrecruzados têm um ressaibo amargo, como o pilóló atómico. Mas como me sucedeu a mim, no fim acaba-se por gostar também do bitter, ainda que para isso acabemos sempre por precisar ao fim da festa não só do pilóló, mas também do \"Sete-paus\", outra bebida baseada nas cascas arbóreas, mais concentrada, que oferece o compadre Águido, Chefe da praia Brasil, perto da capela de São Pedro, que vai permitir soltar ainda mais as línguas e fazer da festa e do convívio o mais produtivo dos recursos turísticos são-tomenses.

\*Xavier Muñoz-Torrent é Geógrafo